

As Aventuras da Vida: os pensadores alemães e a Filosofia da História de Richard Morse

Antonio Gasparetto

Graduando em História – UFJF

Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos – UFJF

Membro do Núcleo de Estudos Iberismo – UFJF

gasparetto@demolay.org.br

Resumo: Richard Morse, historiador americano, causou grande debate acadêmico com a publicação do livro *O Espelho de Próspero*, no qual apresentava uma observação diferenciada da América Latina. O presente artigo pretende analisar a concepção de Filosofia da História que pode ser extraída do mesmo livro e buscar principalmente no pensamento alemão dos séculos XVIII e XIX elementos que debatem com a elaboração de Morse.

Palavras chave: Richard Morse; Filosofia da História; Filosofia alemã.

Abstract: Richard Morse, American historian, originated a great academic discussion with his book *Prospero's Mirror*, which presented a different observation of Latin America. This article aspires to analyze the conception of Philosophy of History that can be extracted from the same book and take principally in German thought from the centuries XVIII and XIX elements that can debate with Morse's elaboration.

Keywords: Richard Morse; Philosophy of History; German's philosophy.

Introdução

Diversos pensadores da humanidade formularam suas concepções para o caminhar histórico, o que chamamos de Filosofia da História. Quase sempre essas concepções se definiam sob um aspecto teleológico, mas entre eles um pensador norte-americano, Richard Morse, apresentou uma abordagem diferenciada. Sua concepção de *História Aventureira*, como iremos considerar aqui, oferece maior liberdade que as formulações teleológicas, mas para sua formulação Morse se apropria de conceitos e abordagens utilizadas também pelos teleológicos.

O presente artigo pretende analisar e interpretar como alguns importantes pensadores da filosofia alemã dos séculos XVIII e XIX influenciaram e quais as ferramentas que ofereceram para Richard Morse construir sua formulação de História. A escolha feita é obviamente arbitrária, a qual poderia ser qualquer outra. A interpretação do pensamento de Morse se dá principalmente sobre a obra *O Espelho de Próspero*, escrita no final do século XX, o que nos abre um imenso campo de abordagens nas várias correntes de pensamento da humanidade entre os vários nomes citados pelo norte-americano.

O Pensamento Alemão

Quando se tem contato com a obra *O Espelho de Próspero* de Richard Morse percebe-se a todo o momento que o mesmo assume uma postura contrária às elaborações teleológicas da humanidade. Suas elaborações são recentes e pouco a pouco os estudos baseados em seus trabalhos vão aparecendo, seu modo de conceber a História é diferenciado, mas não há ainda uma determinação específica que o caracterize. Assim, tomaremos como base aqui o termo *História Aventureira* para contrapor aos modelos longitudinais, já que uma reflexão sobre aventura nos permite entender a existência de várias vias possíveis dentro de um mesmo caminhar.

Dentro do recorte alemão foram escolhidos os seguintes filósofos: Karl Marx, Johann Herder, George Hegel e Jacob Burckhardt. A escola alemã de filosofia é muito conhecida no mundo, pois está entre as mais importantes e mais produtivas de todas, assim, como não poderia deixar de ser, suas idéias aparecem nas palavras de Richard Morse, seja como seqüência, seja como contraponto. Começemos o diálogo por Karl Marx.

Karl Marx e o Motor da História

Karl Marx nasceu na Prússia em 1818, suas idéias incisivas sobre a humanidade fizeram com que se tornasse o mais reverenciado dos pensadores durante várias gerações. A Filosofia da História de Marx criou verdadeiros sentimentos de fanatismo, oferecendo-lhes a base para a historiografia, partidos políticos e até revoluções.

Obviamente, são vários os desdobramentos de suas idéias, entretanto levaremos em conta aqui somente as que nos permitem moldar de alguma forma sua Filosofia da História.

No que se refere às concepções teleológicas, Karl Marx é um dos que mais se identifica e por isso mesmo pode ser o principal parâmetro contra as formulações de Morse. Marx viveu numa época inicial da expansão industrial onde via a imensa opressão sofrida pelos operários, o seu antídoto contra esse problema social seria o comunismo. Este seria o fim ansiado onde se poderiam estabelecer relações humanas que não priorizassem classes, que é outro conceito fortemente marcado em seu pensamento. O que o filósofo conheceu e criticou muito foi a exploração imposta pela classe burguesa para a extração dos almejados lucros capitalistas, este sistema, muito embora gerasse tão graves problemas sociais, seria um necessário passo a ser dado e superado para se atingir o comunismo¹.

Muitos foram os nomes defensores do comunismo que produziram antes ou ao mesmo tempo que Marx, todavia a grande diferença existente entre eles seria o modo de se alcançar o comunismo. Os chamados socialistas utópicos acreditavam, em linhas gerais, que a classe burguesa iria tomar consciência de sua riqueza e por si própria promoveria a comunhão de bens, onde todos pudessem ter acesso aos meios de produção e aos produtos gerados. Karl Marx não aceitava bem essa idéia por não apresentar um método pelo qual se chegaria a essa condição, sua formulação oferecia um caminho mais detalhado e específico para se atingir o mesmo ponto e por se tratar de um meio mais funcional e plausível que o primeiro foi classificado pela historiografia como socialista científico.

O conceito de Marx que se liga especialmente ao tema em questão é o de *materialismo dialético histórico*, no qual a realidade material é que produz as condições de vida, assim a realidade é que produz as idéias, pensamento oposto ao de Max Weber expresso em sua célebre obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*². A realidade que Marx conheceu e oferecia sua proposta para modificar era a do capitalismo. O caminho pelo qual a humanidade deveria seguir, segundo seus princípios, seria construir a riqueza pelo próprio capitalismo, partir para a derrubada da classe burguesa com o socialismo fazendo com que os operários assumissem os meios de produção e por fim atingir o comunismo, situação em que

¹ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

² WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

haveria a igualdade de bens.

Em linhas gerais, essa é a História teleológica de Marx, mas suas implicações vão muito além dessa simples abordagem. O que Richard Morse discorda, embora aceite vários conceitos e admire Karl Marx como um grande filósofo, é da idéia de etapismo determinante que essa proposição oferece, ou seja, no momento em que se planta uma semente já se saberia exatamente quais seriam as fases pelas quais passaria em seu crescimento e mais ainda o seu fim. O que Morse pretende mostrar em sua abordagem sobre o continente América é que sua história começa além de suas terras e para chegar até as diferenças constatadas várias opções foram feitas ao longo do tempo. Essas opções dependem de uma série de circunstâncias, não de uma determinação teleológica³.

Johann Herder e o Totalidade dos Singulares

Johann Gottfried Herder nasceu na Prússia em 1744, devido ao momento em que viveu seu pensamento é muito influenciado pelo Iluminismo. Herder comunga das idéias do *Século das Luzes* que acreditava que a humanidade caminhava rumo à razão universal, entretanto se destaca por quebrar um pouco a velocidade de como era pensado esse movimento.

Para Herder a História deveria ser pensada em blocos e épocas, pois só assim se identificaria cada ação humana. A unidade dos povos estaria gravada na alma, e assim se constituiria o conceito de nação. Embora fosse também teleológico, acreditava que os povos não poderiam ser julgados a partir de um mesmo ponto, foi o que o levou a elaborar o conceito de *totalidade dos singulares*. Segundo este princípio, haveria uma heterogeneidade das épocas históricas, para entender cada povo:

Seria preciso que lhe acrescentássemos todo o quadro vivo do modo de vida de um povo, dos seus hábitos, das suas necessidades, da paisagem e do clima em que habita! Seria preciso começar por simpatizar com uma nação para poder chegar a sentir cada uma das suas inclinações, das suas ações, para as poder sentir todas em conjunto, para encontrar a palavra cuja riqueza nos permitisse pensar tudo o que a essa nação respeita!⁴

É imprescindível para Herder que se quebre uma interpretação homogênea, e continua: “cada nação traz em si o centro de sua felicidade, como uma esfera traz em si o seu centro de gravidade!”⁵.

³ MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*, culturas e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴ HERDER, Johann G. *Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade*. Lisboa: Antígona, 1995. P. 35.

⁵ HERDER, Johann G. *Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade*. Lisboa: Antígona, 1995. P. 42

Tal posicionamento de Johann Herder é muito favorável para uma análise da *História Aventureira* de Richard Morse, se ambos defendem que não há uma heterogeneidade na evolução da humanidade e que os movimentos intrínsecos são fundamentais para a compreensão da mesma há aqui um ponto de contato importante entre esses dois pensadores. Contudo, Herder alerta:

Até hoje quando se procura tratar o tema da progressão dos séculos, quase sempre surgiu a companhia de uma idéia favorita: progressão voltada para maior virtude e maior felicidade dos indivíduos particulares. Para tanto houve que enaltecer, senão mesmo inventar, determinados fatos, houve que diminuir ou silenciar os fatos contrários. Cobriram-se cuidadosamente certos ângulos, tomaram-se as palavras por outras palavras, a difusão das luzes por felicidade, certas idéias refinadas por virtudes... E assim se transformou 'o melhoramento geral do mundo' numa quantidade de romances, em que ninguém acredita, ou pelo menos não podem acreditar os verdadeiros discípulos da história e do coração humano.⁶

O que o filósofo quer mostrar é que quase sempre a progressão dos séculos de uma maneira linear até se alcançar o ponto pretendido procura-se construir um discurso que favoreça algum grupo específico. Herder escreve e morre antes de Karl Marx, mas já adianta um ponto de sua concepção teleológica, já que não se pode descartar que o socialismo valoriza a classe operária que superaria a burguesia tomando o poder e o controle da produção. E, além disso, difunde-se ainda a idéia de que a humanidade do momento desfruta do conhecimento mais avançado gerado pelo somatório de todas as épocas anteriores, ou seja, mais uma forma de se evidenciar a importância de determinados grupos.

Resta-nos ainda destacar que muito embora Herder faça tais críticas em relação à formação da humanidade ele não deixa de acreditar nesse processo histórico, porém de uma forma claramente diferenciada:

Trata-se pois verdadeiramente de avançar, de progredir, de desenvolvimento progressivo, ainda que nenhum homem particular tivesse ganho com isso! O processo dirige-se para algo de maior! Torna-se o palco de uma intenção condutora na terra! Ainda que dessa intenção não consigamos enxergar a intenção última. Palco da divindade, ainda que só possamos vê-los por entre as aberturas e os destroços de cenas particulares!⁷

Assim, aparece entre as palavras de Herder a crítica que faz contra o etnocentrismo iluminista, para se construir a história das civilizações todos os povos oferecem suas qualidades que irão culminar em algo de maiores proporções e que só podem ser percebidas sob o binômio blocos/épocas. O interessante é

⁶ HERDER, Johann G. *Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade*. Lisboa: Antígona, 1995. P. 44.

⁷ HERDER, Johann G. *Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade*. Lisboa: Antígona, 1995. P. 46.

que o filósofo não aponta algo de concreto até onde chegar, como seria o caso do comunismo de Marx, mas apenas oferece a indicação do almejado: “O processo dirige-se para algo de maior!”.

Georg Hegel e os Princípios do Povo

O alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em 1770 e é um dos principais nomes da corrente do *idealismo alemão*. Seu trabalho é muito marcado pelos estudos que faz em relação ao *Volksgeist*, o espírito do povo. É este espírito, para Hegel, que oferece os elementos necessários para se alcançar a razão⁸.

Em sua obra *A Razão na História*, Hegel deixa clara sua inserção na corrente do *idealismo alemão*, o que se busca é demonstrar a racionalidade histórica. Mais uma vez, assim como Johann Herder, há a influência direta do pensamento iluminista, só que no pensamento de Hegel ele é defendido mais fervorosamente. Enquanto Herder criticava a rapidez e o etnocentrismo das elaborações iluministas, Hegel defende a causa de que a razão governa o mundo, da mesma forma que a história guia em sentido à razão universal. Ou seja, a via de mão dupla elaborada por Hegel possui a mesma baliza nos dois sentidos, a razão.

Mais uma vez comparando com as idéias de Herder, vale recordar que este propunha o estudo da história da humanidade sob o binômio blocos/épocas, já que cada nação “traz em si seu centro de gravidade”, o que o dá base para formular o conceito de *totalidade dos singulares*. Enquanto isso, Hegel estuda a História através de um elemento que concentra grandes poderes e é um grande ator e moldador de situações históricas, o Estado. Nesse caso, muitas vezes a atribuição deve ser feita a uma figura específica, aquela que comanda o Estado, o que abre precedentes para entender a História como guiada por grandes atores. Diga-se de passagem, que o francês Jules Michelet é um opositor a essa idéia, pois seria o povo que guiaria para os rumos da nação, chega a dizer que Napoleão Bonaparte só existiu porque o povo o permitiu⁹.

O mais interessante e o que dará sustento para a compreensão do povo, permitindo compreender algumas de suas direções e encaminhar para o entendimento de um processo histórico está ligado ao conceito hegeliano de *princípios do povo*. De acordo com o filósofo sete elementos seriam necessários para a análise do povo: religião, constituição, moral, costumes, ciência, arte e técnica¹⁰.

⁸ HEGEL, Georg W.F. *A Razão na História*. São Paulo: Centauro, 2001.

⁹ MICHELET, Jules. *O Povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

¹⁰ HEGEL, Georg W.F. *A Razão na História*. São Paulo: Centauro, 2001.

Não entraremos aqui na discussão ou determinação de cada um desses elementos, o que nos importa por hora é a constatação do que cada um desses pensadores usa como elemento para entender o processo histórico. Vimos até agora que Herder, Hegel e Marx, essa seria a ordem cronológica, comungam do mesmo interesse de alcançar o fim da História. O primeiro busca a razão do pensamento iluminista, mas não sabe explicar exatamente como ela se daria, como seria a sua disposição concreta, e ainda faz críticas à velocidade e aos interesses existentes no caminho teleológico. Já o segundo traz em si o *idealismo alemão* e sua elaboração circula sempre em torno da razão como meio condutor e o fim almejado da humanidade, usando os *princípios do povo* para entender sua movimentação. Enquanto isso, o último viveu os efeitos da *Revolução Industrial* e transporta as elaborações em torno do processo histórico para uma esfera econômica, pois a realidade material seria quem produz as condições da vida e esta realidade marca-se pela atuação da economia capitalista.

Jacob Burckhardt e a abordagem do Estado, Religião e Cultura

Na verdade Jacob Burckhardt não é alemão e também deixa claro logo no começo de *Reflexões Sobre a História* que sua intenção não é fazer uma Filosofia da História. Diferentemente do padrão mantido até agora, Burckhardt nasceu na Basileia, Suíça, em 1818 e o que quer é analisar os diversos períodos históricos. Sua inserção na construção da temática aqui discutida se dá não só pelas referências que Richard Morse faz a ele em *O Espelho de Próspero* ou a sua proximidade com o pensamento alemão, já que pelo fato da Suíça ser vizinha da Alemanha é natural que as idéias transitem nessa região, mas pela própria singularidade da obra do suíço que também oferece elementos funcionais na prática da *História Aventureira*.

O pensador do século XIX encara a filosofia alemã do século anterior absorvendo pontos de Herder e criticando o posicionamento de Hegel:

No concernente às qualidades características da filosofia histórica até agora, cumpre-nos observar que ela seguiu a História e fornece-nos visões longitudinais dos acontecimentos, em outras palavras: ela seguia um critério cronológico. Desta maneira, tentava elaborar um programa geral da evolução mundial, na maioria das vezes sob um ponto de vista extremamente otimista. Foi o que sucedeu com Hegel na formulação de sua Filosofia da História.¹¹

Neste ponto Burckhardt se aproxima de Herder no sentido de se seguir linhas longitudinais e velozes vindas do iluminismo também como alvos de críticas e no tocante da ilusão de se estar próximo ou no auge da evolução mundial. Além disso, toca em um ponto não discutido aqui até agora que se refere a

¹¹ BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões Sobre a História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961. P. 10.

um fim otimista da história. Em todos os casos citados anteriormente o fim é sempre otimizado, mesmo no caso de Marx onde entende a situação em que vivia como desfavorável compreende que a história se tornaria para um lado mais oportuno, obviamente incluindo o interesse de um grupo para o qual escrevia. Entretanto, o mais criticado por Burckhardt é Hegel, para ele o alemão:

Deduz que o resultado da história universal deve ser forçosamente o reconhecimento de que o processo evolutivo do espírito, em todo o mundo, seguiu um curso racional e necessário. [...] Hegel desenvolve a consideração fundamental segundo o qual a História Universal constitui a ilustração do processo evolutivo do espírito até chegar a consciência plena da sua própria significação. Concomitantemente, nota-se uma evolução tendente à liberdade. Encontramos também na sua obra a teoria da perfectibilidade, isto é, a teoria do progresso.¹²

Como se vê a discordância com Hegel é acentuada, este é o que mais incorpora uma visão otimista da história, além de suas considerações sobre a humanidade ser um aglutinado de tudo o que já foi feito, vivido e pensado anteriormente. Sobre isso Jacob Burckhardt diz:

É claro que não só os filósofos incidem no erro de supor que a nossa época seja a culminação de todas as épocas anteriores ou esteja próximo dela, de crer que tudo o que aconteceu até hoje deva ser considerado em função de nós mesmos, sob nosso ponto de vista, ao passo de que o sucedido até agora, ao contrário, tem um sentido de *per se* e só secundariamente relacionado com o futuro e conosco.¹³

Em contraponto a Hegel, Burckhardt propõe a idéia da *Geist Geschichte*, a história do espírito. Como dito anteriormente, a intenção do suíço não era fazer uma Filosofia da História e sim uma análise dos períodos históricos, sendo assim, em lugar de estudar o espírito do povo o melhor seria estudar a história do espírito. Para entender a história também faz uso de elementos, em seu caso a escolha envolve o Estado, a Religião e a Cultura. Para o pensador tais elementos possuem preponderância na humanidade, estão sempre inter-relacionados e não podem ser isolados. Todavia há sempre o destaque de algum deles nas diferentes situações da história da humanidade.

Do outro lado do Atlântico, Richard Morse e a História Aventureira.

O norte-americano Richard Morse nasceu em 1922 nos Estados Unidos e sempre se interessou pela América Latina, sua paixão era tamanha que mesmo protestante da linha W.A.S.P. acabou se casando com uma haitiana, o que lhe rendeu desavenças familiares. A obra de onde extraímos aqui as idéias para o conceito de *História Aventureira*, *O Espelho de Próspero*, não se trata de um novo escrito sobre Filosofia da História. O que de fato Morse pretende realizar é uma reflexão secular em torno das civilizações da

¹² BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões Sobre a História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961. P. 11.

¹³ BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões Sobre a História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961. P. 11-12.

América, e é em meio a essa proposta que se pode encontrar posicionamentos do autor que construa o que se apresenta aqui.

Richard Morse é bem eclético nas citações que apresenta em sua obra, em momento algum se declara ou assume uma postura que o torne militante de alguma linha de pensamento. O seu modo de encarar a história não permite esse tipo de postura e muito menos aceita qualquer concepção teleológica como fio condutor histórico. Para ele a história se desenvolve livremente, está sujeita às movimentações e escolhas humanas que ocorrem em cada época, por isso o melhor termo utilizado até agora entre os pesquisadores de Morse para sua concepção histórica é de *História Aventureira*. O interessante nessa questão é que o pensador norte-americano aceita muitos conceitos e elaborações oferecidas por filósofos teleológicos, assim como Karl Marx.

Não podemos deixar de frisar que em tal obra os olhares de Richard Morse se tornam especialmente para o continente americano, mesmo que para isso tenha que buscar no Velho Mundo explicações para as características do Novo Mundo. Mas é justamente nesse ponto em que se sustenta a idéia de que existem escolhas que guiam as nações para caminhos diferenciados, pois a América não resultou numa situação única como poderiam imaginar os pensadores das doutrinas teleológicas, há diferenças gritantes entre as chamadas Anglo-América e América Latina. Segundo Richard Morse é preciso:

Compreender que as respectivas tradições surgem de uma matriz moral, intelectual e espiritual comum. Dentro dessa matriz, entre os séculos XII e XVII, foram feitas opções e construídos modelos conceituais que viriam a produzir os diferentes padrões do que chamamos “civilização ocidental”.¹⁴

Essas escolhas chamadas pelo autor de “escolha política espanhola” e “escolha política inglesa” foram fundamentais para diferenciar os rumos que seriam seguidos nas colônias na América. Isso rompe com a suposição de determinação histórica. Nesse ponto também há uma crítica à razão hegeliana, pois a diferença das escolhas mostra que essa razão não é universal, ela é inerente às pretensões de cada grupo, seus interesses e motivações devem ser compreendidos no âmbito de um povo.

Por outro lado, há uma crítica ao pensamento teleológico de Karl Marx pelo qual a realidade material seria determinante nas condições de vida, como visto anteriormente essa realidade material estaria diretamente ligada às implicações do emergente sistema capitalista. Para Morse o que se pode observar é que: “A racionalidade ocidental não foi a rigor um produto do capitalismo, mas um resultado

¹⁴ MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*, culturas e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 22.

conjuntural de causas econômicas, políticas, científicas, teológicas e filosóficas”.¹⁵

Essa frase de Morse é carregada de significados que podemos apreender em relação aos pensadores analisados acima. Quando a inicia citando a “racionalidade ocidental” nos remetemos em primeiro momento aos pensamentos de Georg Hegel, mais uma vez a racionalidade não é dita como universal por Morse, ela se aplica a diferentes conjunturas. Ao continuar a frase dizendo que essa não é um mero fruto do capitalismo rompe com a importância gerada pelo meio material de Karl Marx, embora o capitalismo em si não seja algo material, mas seus produtos ou efeitos sim. Assim o que teria implicado para a construção dos rumos históricos da América seria um somatório de “causas econômicas, políticas, científicas, teológicas e filosóficas”. Nesse ponto podemos fazer uma síntese dos pensadores interpretados até agora: o que seria mais apropriado para compreender esse processo histórico composto por grandes diferenças do que se considerar a *Totalidade dos Singulares* proposta por Johann Herder; os próprios *Princípios do Povo* de Georg Hegel; as implicações do Estado, da Religião e da Cultura de Jacob Burckhardt e até mesmo a luta de classes de Karl Marx?

Para a *História Aventureira* de Richard Morse tais conceitos caem muito bem como ferramentas de análise das diferentes situações na América. A *Totalidade dos Singulares* permite compreender a diferença entre a América Latina e a Anglo-América, ou até mesmo as diferenças existentes dentro dos Estados Unidos utilizando o binômio blocos/época. Os *Princípios do Povo* favorecem muito bem a uma análise das escolhas, especialmente os argumentos de religião e costumes para a “escolha espanhola” e ciência e técnica para a “escolha inglesa”¹⁶. Da mesma forma pode se utilizar os elementos que Jacob Burckhardt considera importantes, já que na Anglo América a religião foi preponderante nas decisões tomadas, enquanto na América Latina a cultura mostrou-se mais aguerrida na história de seu povo. Assim, Richard Morse se torna uma mistura dessas várias possibilidades.

Considerações Finais

Richard Morse escreve na segunda metade do século XX, no livro aqui referenciado para extração de seus conceitos, *O Espelho de Próspero*, o autor mostra-se eclético em suas citações. Como não poderia deixar de ser, a escola de pensamento alemã é uma das citadas por ele dentre as várias correntes de pensadores que aparecem. Para explicar a América Morse busca na Idade Média as idéias e as escolhas que vindas da mesma semente causariam realidades tão diferentes no Novo Mundo. É a diferença que o atrai e isso vai rastrear no nascedouro das mentalidades, onde percebe que os ingleses compraram o pacote

¹⁵ MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*, culturas e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 131

¹⁶ MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*, culturas e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

moderno enquanto os ibéricos mantiveram suas posições nessa trajetória.

O seu modo livre de encarar a História permite que caminhos diferentes e aventureiros possam ser escolhidos ao longo do tempo, o que torna o final da História inacessível ou pelo menos não visível em formulações, já que o caminho até lá é constituído de vários movimentos intrínsecos aleatórios. Mesmo assim os autores que defendem a teleologia o oferecem elementos que ele, de bom grado, utiliza e que podemos perceber em seu texto que de fato esses elementos auxiliam no modelo de *Historia Aventureira*. Karl Marx, Johann Herder, Georg Hegel e Jacob Burckhardt estão ligados pelo pensamento alemão, ou pelo menos muito influenciado pela proximidade no caso de Burckhardt, e ligam-se a Richard Morse por suas referências e por suas ferramentas de análise. Assim como esses, vários outros poderiam ser citados e analisados.

O norte-americano Richard Morse foi um grande admirador da América Latina, chega a dizer no começo do livro que nunca foi seu propósito:

Levar a cabo um exercício de construção de modelos, de patologia, de determinismo cultural ou de pedantismo, mas simplesmente ver se a civilização ibero-americana, que evidentemente possui identidade histórica, tem alguma mensagem para o nosso mundo moderno.¹⁷

Sua atração se dava em vários âmbitos da vida. E o que parece marcar o modo de pensar de Morse é justamente a influência que encontrou em um dos movimentos da América Latina, o modernismo, com destaque para a produção do brasileiro Oswald de Andrade. A *antropofagia* literária aponta-se na obra de Morse na medida em que aceita as características que considera como boas de todas as correntes possíveis do pensamento e as aplica ao seu.

Referência Bibliográfica

BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões Sobre a História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

HEGEL, Georg W.F. *A Razão na História*. São Paulo: Centauro, 2001.

HERDER, Johann G. *Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade*. Lisboa: Antígona, 1995.

¹⁷ MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*, culturas e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 16

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MICHELET, Jules. *O Povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*, culturas e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.